

*Mindfulness no Retorno a Si:
recomposição do sujeito ante
a re-conciliação face ao Mundo*

Victor Mota
Faculdade de Letras de Lisboa

1. Enchimento versus Esvaziamento: o perpétuo movimento da felicidade e da in-fertilidade

Um meme da internet atribuía infelicidade à mindfulness e felicidade ao seu contrário, o que quer dizer que a felicidade é uma forma de vaivém alegórica ao acto sexual do coito, ou seja, enchimento versus esvaizamento, o que retoma certas ideias de Deleuze e Foucault. Assim sendo, só este movimento de dupla manivela, o movimento mútuo de enchimento e esvaziamento mental, que tem como exemplo na natureza sexual dos humanos, produz tanto fertilidade quanto felicidade, ou seja, gozo mais ao menos extático, que permiti, tanto a melhor performance do sujeito, quanto do grupo e, num último caso, da sociedade por inteiro. Esta asserção tem tanto a ver com a hipótese da perda do sentido de comunidade, ou seja, o cosmopolitismo e a globalização poderão levar a uma megalópole de sentidos onde muito dificilmente -e duravelmente- o homem se pode encontrar, num certo localismo e contextualismo das emoções.... ideia corrente em vários filmes de Hollywood e pensadores vários, sobretudo numa tradição francesa, de Henri-Lévi a Baudrillard e Bataille, quando já anteriormente falavam destas ideias Camus e Sartre, onde o seeming que propomos em nosso pensamento não estava ainda contemplado, ou seja, regista-se, em contexto vários, etnográficos ou sociais, uma volatilização da relação entre eu e ego, entre ego e Outro, sendo que regista também, no subconsciente colectivo, de uma substituição em "dupla hélice" daquilo que nos faz sonhar e realizar os nossos sonhos, o Ser e o parecer, e mesmo que realizemos esses sonhos, factual ou mentalmente, nada chega, nunca chega, e somos eternamente ora infelizes, por que o escolhemos ser, em favor do sucesso junto da societas, ora felizes, ainda que não por muito tempo, mas repetidamente, pois teremos encontrado forma (uma metodologia) a fim de o Ser...

2. Observação Versus Participação

Neste sentido, qual deverá ser a metodologia do cientista social? Observação, participando, ou apenas observar, sim, porque o filósofo não observa nem participa, que eu saiba e a sua metodologia (para quem fim?) é intrínseca à teoria. Indo mais fundo: como é lícito à filosofia fazer teoria porque não tem data (nem nome ou lugar?, ou seja, que espécie de construção é (ou parece) o empreendimento filosófico? Por outro lado, não será a premonição uma forma de **etho-logia**? Onde está, lembrando uma questão antiga e íntima à psiquiatria e ciências sociais, a fronteira, o afã e a bitola entre normal e normal, num regime de abnormalidade etológica, comportamental? Uma outra grande questão, diria até mesmo filosófica, é "como deve a vida ser vivida" e isto, esta visão (ou adestramento da visão, mesmo que ela seja canhota) tem que ver com uma certa cientificidade de ler o cotidiano e o que (nos) acontece. Além disso, que relação -e onde-existe entre antropologia e o pensamento autónomo kantiano? Não é ela a mais suprema e válida forma de antropologia, de integração do Ser humano no meio físico e social? Não é o empreendimento tecnológico, que visa libertar, em primeira mão, o homem do trabalho, um movimento contra-natura, ainda que inerente ao homem, que visa elidir a agressividade animal dele mesmo e a sua espontaneidade, para o tornar num homem cada vez menos pensante, alienígena, programado, auto-programado para fazer isto e aquilo, por missão no seu desempenho societal cada vez mais performático, i.e., por um lado alguns são extraexpontâneo, estão vivendo, sem qualquer teor reflexivo nas suas vidas, outros são ultraracionais face ao económico, que pensam controlar a vida e o inconsciente humano colectivo, outros são hiperreflexivos, a saber, os filósofos, numa tendência da divulgação e derivação dos caminhos de apegada humana neste planeta, pelo menos enquanto não nos mudamos para outro? Sendo assim, precisa a sociedade de Ser pensada? Ainda há lugar para as ciências sociais quando se vandalizam estátuas? E tal não será apenas sinal do irromper (incorreto, sob vários pontos de vista disciplinares) da geração mais nova, ou seja, de certa maneira nos termos tanto de uma

sociobiologia quanto de uma etologia, uma luta pelo poder na esfera do social? E que lugar há para as reflexões do cardeal Tolentino de Almeida, nos termos de uma jesuitismo pala? E, ainda, por outro meio, nos termos de um franciscanismo que igual por baixo os seres humanos e até condiciona a reflexão filosófica sobre a democracia, a meritocracia (a haver), a justiça, toda ela social?

3. A-Parecimento e Perecoimento do Homem e suas condicionantes existenciárias para um certa Forma de Inteligência mais ou menos Lógica e Circunstancial

Assim, além de uma antropologia que centrifuga o sentido e acaba por centripetar o próprio destino dele, reconhecemos, nesta via de pensamento, outras formas de inteligência que com ele se relaciona. A par disso, a sugestão televisiva que, ora permite o adormecimento dos "músculos da mente", ora transvasa para o anúncio de dias apocalípticos nos termos de um agravamento do COVID-19. Uma parte da sociedade mundial está apática, sendo dizimada, por esta e outras patologias, entre as quais a psiquiátrica é a mais sibilida e nociva ao pensar de um destino do Homem, outra, mobilizada, mesmamente por via dos media e dos novos-media, em pânico, pior, transmitindo esse pânico. A par disso, uma nova epidemia: a do sexo, a desordem familiar pelo sexo, melhor, pelo mau uso deles, como se todos os corpos misturados (Serres) signiicassem, por inverso da tendência, o fim do homem (em Si Mesmo) pela negação da sua estrutura moral, dos princípios, não se o olhos desmazelado de certos filósofos e cinetistas sociais, o que é justificável, porque os políticos, grande parte deles advogados, gestores ou geralmente homens de não-letras, não lêem os artigos em revistas dos sociólogos, no mínimo, dos antropólogos e filósofos, depois. Mas esta, a filosofia, quando mal feita, talvez contribua em grande parte para piorar o que é uma sociedade governada por materialistas, pois transmite uma ideia de lassidão e deixar-estar, ou seja, uma ideia do humano (e do Ser-Humano), que nada tem de

altruísta, ou seja, "fazes filosofia *au-delá* do mundo em que habitas"... Assim, o homem do senso-comum é aquele que interessa, como se pode ler numa estação do metropolitano de Lisboa, a vida é Fazer, porque o filosofia é sempre a partir do Nada, partindo do nada, do deserto, para um cenário de certo modo antropologicamente apocalíptico, ou seja, esse ponto onde nem sempre podemos mexer, pois é o nosso gérmen, a nossa essência e ir além (ou àquém) disso pode ser ora uma forma de escarificar o que entendemos por Ser, ao lado do Parecer, ao que nos ajudam aqui, em plena data de um suicídio de um conhecido actor em Cascais, Camus e Sartre, entre outros, ou seja, o suicídio é cobardia ou um acto de deradeira coragem, sentido in-acabado de que nada mais há a Fazer? Como havemos de Viver? -leia-se o texto de Peter Singer? E havemos nós, perguntamos, de viver, alguma vez? Será que estamos sequer vivendo, antes do como? Entre reflexão e ímpeto, *sturm and drung* e não inscrição (Gil), "vai-se vivendo", diz o povo, invocando María Zambrano, "vai-se andando", como o homem que puxa o arado para que a **Natur** lhe dê o que ele quer e pensa (dar, oferecer), como nas festividades pagãs da Idade-Média nos termos de um *saltarello* de Orff...Somos, antes de atores sociais, meramente actores edevemos viver, havemos de viver, e viveremos decerto e com certeza, enquanto tal, i.e., enquanto atores aos papéis sociais) com questões e questiúnculas, vidinhas e vidonas, entre o mínimo matemático e o amplo geométrica, talvez comprindo, enquanto insectos cósmicos, o papel que nos está na pela, ou seja, raça, religião, nacionalidade. Talvez tudo se resuma a essas três itens e não pode a reflexão filosófica elidi-los da sua reflexão, mas, ao mesmo tempo, será bastante irresponsável apagá-los da memória das gentes, dos povos, das populações, mais ou menos instruídas, ou seja, aquele comendo que faleceu em treino forçado, gostava do que era (o socrático "Homem! Torna-te no que és"), simplesmente porque ele havia sonhado com isso, com essa vida e esse corpo (social, teatral) que se projecta diante de si enquanto ser-estar-aqui para um ser-estar-aí, ali, ou seja, porque não somos máquinas de coisas nenhuma, precisamos de sonhar, no que somos, em entretém, no que seremos. Mas...podemos sonhar o que fomos? O que (quer que) parecemos? Freud e outros, mais psicanaliticamente ou mais

junguianamente, o homem recompõe, pelo sonho e pelo sono vital, o passado com o presente, alimentando o futuro de uma expectativa de performance, de ir, de partir para a jornada, nem que seja para Santiago de Compostela...Assim, um dos grandes problemas do homem, antropologicamente falando, não é nem o Nada nem o suicídio, nem a antropocena, mas o ressentimento sobre o Outro, que move muitos sistemas políticos e de pensamento supraindividuais, ou seja, enquanto eu tiver ressentimento para comigo mesmo, não consigo ser quem sou e enquanto tiver ressentimento contra o Outro, ele não pode deixar-me ser quem eu sou, porque o que sou é qualquer coisa de simultaneamente belo e perigoso, ou seja, pode ser, a um tempo, dado a outrem e a outro dado em segredo a si mesmo. Porque a Mãe dá-se, a si mesmo e aos outros, os seus filhos, dá-de-si (num certo imaginário populares, dar de si significa ceder, noutros termos específicos "arrear", como quem arreia a bandeira, como se um destino ficasse em suspenso para a posteridade). Mãe que é mãe não abandona os filhos, é talvez o maior dos crimes instituídos na memória social, na memória do social. Porque ela é enquanto generatrix e a sua identidade pessoal parte disso, ou sej, é ela é mulher porque é mãe e quer ver os filhos "Bem"...

4. O Homem da Máscara, a Máscara enquanto Outro

Julgo que se impõem, nestes dias, algumas reflexões sobre o significado ora ontológico ora antropológico, da máscara, uma vez que todos andamos com ela por via do que nos acontece em termos de saúde pública, ou seja, o COVID-19. Claude Lévi-Strauss ajuda-nos a perceber o fenómeno quando assinala que a máscara é teatralização ("A Via das Máscaras") e, medicalização, "Pareces um Doutor, com essa máscara", dizesse uma amiga a um colega meu, na minha aldeia. O que é então a máscara algo não mais do que via para uma outra dimensão, para os domínios do Parecer, mas também do Ser, ou seja, diria, "este é o meu rosto social", enquanto que o outro o guardo para mim e para o amor, no leito, com o meu amado, com a minha amada, no meu espaço doméstico, onde logo que entro tiro os sapatos (uma tradição hindua agora globalizada), depois de lavar as mãos. Mas...a máscara pode-se retirar sempre que queira, ninguém te proíbe, mas ela está reservada aos espaços publicamente fechados, a máscara pode ser (sempre) a mesma, por via de se lavar, se fôr de pano, pode ter vários motivos decorativos, étnicos, até, litúrgicos, decorativos em termos de uma imaginação mais ou menos volátil, pode-se descartar, em termos de unidade, como fazem os médicos nos hospitais, antes e depois de operar. A máscara é via de entrada do sujeito no mundo social sem que revele a sua identidade, é como que burca ("Só se vêem os olhos"...). Assim é com os Caretos de Trás-os-Montes (J.Paes de Brito), património da UNESCO. Talvez a interrogação essencial da filosofia seja essa mesma, responder "Pronto" àquelas ideias, àqueles itens que nos põem em sentido, ou seja, vergados ao dever e ao mesmo tempo devidamente imaginativos para perceber o "rolo compressor" do Tempo, essa grande e enigmática dimensão (espacial?) da conjunção do Homem com o Si-Mesmo, para o Outro e o Outro além do Outro, que mesmo que não seja Nada (por enquanto), logo logo será mais alguma coisa, quando não apenas e tão admiravelmente o próprio Homem em Si (Mesmo)...

5. *Homo Centripetus vs. Homo Decrepitus*

Assim, face ao fenómeno cósmico (que somos), face à finitude, à ideia de morte enquanto forma artística, entrevemos outra noção que está já presente num autor medieval, Boécio de Dácia, que, no seu pequeno livrinho, como que inaugura a moderna ciência social, ou seja, a noção de eternidade do mundo remete mais ou menos automaticamente para a ideia de que o homem é, de certa maneira i-mortal enquanto se mantiver consigo Mesmo, atreito ao Ser ser social, ou seja, numa esforço de manutenção do social, muito além do fenómeno social total ou talvez apenas por isso, alturas em que Mauss e Durkheim mais são *precisos* à filosofia. Daí os termos de saída (em estado de emergência, como nos comboios, ou seja, porta para o exterior), a vida e a biográfica enquanto achatamento e ao mesmo tempo vasilhame, ou seja, dotada em sua natureza intrínseca mais ou menos inominável, de um início e de um fim, como um bom vinho numa garrafa, donde provém a noção de despejo, negativada porque não, precisamente, enchimento. E de tão cheio de Si está o Ser que acaba ou por rebentar (como um balão de ar, até Natalício), por uma via, ou, por outra, por se esvaziar, vazio de sentido (ermo, contingência e princípios), ajustando em termos teóricos a noção de enchimento versus esvaziamento que, no pulsar do sujeito, bombeia o sangue para o cérebro que, em certo sentido seria a divindade, ela própria "produto humano", ou seja, o mundo é, apenas e tão somente, para usarmos uma figura, uma ampulheta, ora no deserto do Sahel, ora na floresta amazónica, plena de frutos e sons desgarrados. Quando o filósofo, e é essa a sua estratégia final, princípio metodológico final, a relação entre norma e desvio, muito mais do que o trabalho de campo etnográfico, que apenas permite conferir dados de observação a uma reflexão sobre o Homem-Homo. Afinal de contas, que é o real senão o homem, o à quem em vez do além, temas caros desde cedo a Descartes?...

Conclusão

Finalmente, nos meus dias, encontrei a jovem alemã que conhecera no Oráculo de Delfos, estava do outro lado do pátio, lendo filosofia, umas vezes fazendo-me inveja com o seu amado, outras tão profundamente ensimesmada na sua leitura, onde se parecia que se interessada em mim, quando apenas veio fumar um cigarro à varanda. No inverso, poderia dispôr-se um mundo de possibilidades, quando percebi que ela apenas queria ser personagem dos meus livros, poderia até dar-se o caso de se invertir a situação e assim o bairro ficasse um pouco mais animado... Mas não, eu apenas a via tão categoricamente quanto possível, como a companheira, mais do que companhia, do jovem escritor com quem trocara impressões mais ou menos impessoais. Quanto fechar a janela de um lado e abrir do outro, ou outros fenómenos mais ou menos sociais que nos traziam àquele contexto onde a roupa oscilava nos varões, entre gritaria dos miúdos e troca de palavras entre velhotas, quando se tentavam retomar os grandes jogos de futebol e enfrentar a ainda constante e chata pandemia de gripe.